

DO LIBERALISMO AO ESTADO CONTEMPORÂNEO: MUDANÇAS QUE TRANSFORMAM A FATALIDADE EM OPORTUNIDADES

*Joselito Viana de Souza**

*Ilma Fernandes Tosca Viana***

RESUMO — *O artigo analisa a falta de uma definição política clara para o Estado. Para tanto, é importante que se resgatem algumas teorias marxistas do Estado, como também o histórico do liberalismo e neoliberalismo. Dentro deste contexto, encontra-se o capitalismo presente e futuro em crise e os problemas pós-neoliberal. Ao final, são apontados elementos visando contribuir para um re-estudo da questão neoliberal.*

PALAVRAS-CHAVE: *Estado contemporâneo. Neoliberalismo. Marxismo. Capitalismo.*

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas nos últimos dois séculos com referência ao papel do Estado são discutíveis por parte dos cientistas sociais, pois um grupo defende a interveniência do Estado e outro, o livre mercado. Para que se possa direcionar a tendência futura do Capitalismo, é necessário se analisar os processos históricos dos principais pensadores como Marx,

*Prof. Adjunto (DCIS/UEFS). Mestre em Ciências Agrárias pela UFBA. Doutor em Administração Pública pela Universidad Complutense de Madrid/Espanha. E-mail: jvsv@terra.com.br

** Coordenadora do Curso de Administração da Faculdade da Bahia (FAB). Pós-Graduada em Marketing pela Universidade Candido Mendes, Rio Janeiro/Brasil.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Ciências Sociais Aplicadas (DCIS). Tel./Fax (75) 3224-8134 - Av. Transnordestina, S/N, Módulo III - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: dcis_uefs@yahoo.com.br

Engels, Weber, Hegel, Gramsci, Poulantzas, Offe, Friedman, Hayek, Anderson Perry, Goran, Bóron, cuja literatura é vasta sobre a questão.

O grande obstáculo que se encontra hoje é a falta de uma definição política clara quanto aos rumos sociais e políticos nos últimos 150 anos, que vai de Marx até os Neo Liberais ortodoxos, latentes ou não. Mas um fato é claro, o discurso lúdico se transformou em autoritário e hoje mais uma vez, procura envolver a sociedade em mais uma falácia. Este fato é verdadeiro quando se analisam os principais economistas dos últimos 30 anos, pois se vê que seus estudos são frágeis em praticidade geral, mas bastante eficientes no que tange à manutenção dos que concentram o poder econômico.

O Estado mais uma vez será manipulado pelos detentores do poder econômico, haja vista os fatos referentes à redução do Bem Estar das sociedades, compostas tanto pelos países do primeiro mundo, quanto pelos dos segundos e terceiros.

Na verdade, o que se observa é que os estudos para viabilizar as sociedades passam diretamente por três pontos paradoxais, a saber: o processo *Sociológico*, o Econômico e o Político. Todos buscam direcionar seus esforços para uma solução única, ocorrendo na prática sempre o inverso.

Por quê? Será que a ciência Política é superior à Econômica ou a Social? Claro que a resposta é não. Entretanto, na prática, o fato se desenvolve dentro deste contexto. Keynes, quando escreveu suas teorias econômicas, jamais as desenvolveu para atender à esquerda, mas para adequar a direita a uma nova leitura da economia clássica (Ricardo) que vigorava na época, valendo ressaltar que o mesmo fato a posteriori veio acontecer consigo, não invalidando, porém, o exemplo. O fato é que enquanto as três ciências continuarem a construir uma sociedade *hot money*, dificilmente se terá solução em longo prazo.

Este trabalho foi desenvolvido buscando pesquisar as três principais linhas que busquem a solução para a questão do Estado contemporâneo frente às mudanças recentes do capitalismo.

1 TEORIA MARXISTA DO ESTADO

Ao tratar das questões do Estado, é inevitável que inicialmente se estude a literatura de Marx, pois ele tem o mesmo ponto de vista defendido neste trabalho, que é a integração entre o **político, o econômico e o social** como base de sustentação para um Estado sólido.

Quando Marx/Engels afirmam no “**O Manifesto Comunista**” que o poder executivo do Estado moderno é mais que um Comitê que administra os interesses comuns a toda a burguesia, estes reafirmam que o Estado era voltado para atender às relações econômicas, logo, representantes dos interesses de toda uma sociedade, ou seja, daquela parte da sociedade que comandava e dirigia estas relações. Vê-se, com clareza, que o Estado já era tendencioso e deformado na base de sua estrutura.

Ao analisar outros pensadores liberais clássicos como Lioche e Rosseau, verifica-se que eles colocam o Estado como defensor das liberdades individuais do homem, destacando-se o direito à propriedade, e com o desenvolvimento da moeda, o direito à acumulação da riqueza emergindo, como também a idéia de que o Estado deve promover os interesses “comuns”. Percebe-se, entretanto, que a realidade da época era diferente do que se doutrinava. O desenvolvimento da classe burguesa, e com ela o capitalismo, aplicava um regime de opressão e exploração do homem pelo homem, deixando os (operário e camponês) na mais baixa condição servil. Neste período, na Inglaterra, o novo sistema fabril era desumano em vista das condições de trabalho colocar as pessoas expostas a toda sorte de doenças.

Marx discorria que o Estado não é um mero mediador das lutas de classes, como declaravam os liberais; ele é uma instituição que interfere nesse embate, buscando sempre tomar partido das classes sociais dominantes. Assim, a função do Estado é garantir o domínio de uma classe sobre as outras.

Outra afirmava é que a base econômica de uma sociedade é a que exerce a influência mais poderosa, e, assim, direciona as demais instituições. Logo, o quadro exposto na atualidade

pouco difere dessa época, pois os elementos que compõem essas forças são as mesmas, só alterando as políticas.

Outros pontos a serem analisados são: a questão do domínio exercido através da estrutura jurídica política, que coloca o Estado a serviço da classe dominante, a estrutura ideológica, que condiciona a cultura e a filosofia de vida (consciência social) da classe dominada, que absorve as idéias e valores da classe dominante.

Vale ainda ressaltar outra de suas assertivas segundo a qual “na sociedade burguesa, o Estado representa o braço repressivo da burguesia”.

Marx também pontua que o Estado tinha vida própria separada da sociedade civil. A sociedade é sabedora que este fato não reflete o processo evolutivo atual, mas traduzia um realismo em sua época.

Quando afirma que o Estado surge da contradição entre os interesses do indivíduo (ou família) e o comum de todos os indivíduos, ele desenvolve uma visão ampliada do comprometimento e o papel do Estado, algo não comum nos dias atuais.

O Estado, portanto, emerge das relações de produção e não do conjunto das vontades dos cidadãos. Mais uma vez, é retratada em Marx a preocupação em se ter um conjunto harmônico social, onde a produção exerce seu papel social no qual mantenedora da subsistência da sociedade e não sua subordinação.

2 HISTÓRICO DO NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo nasceu por volta de 1947, em alguns países da **Europa e América do Norte**. Nestes Estados, o regime era o capitalismo. Havia uma preocupação em reagir contra o intervencionismo do Estado do Bem Estar. O que provocou esta nova visão de Estado foi o texto de Friedrich Hayer (1990) “O Caminho da Servidão”, escrito em 1944, que atacava veementemente a limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, e desta forma, ameaçando a liberdade tanto econômica como política, destruía a liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência.

O processo ideológico foi desencadeado por Hayek, em 1947, na estação de Mont Pèlerin, na Suíça. Participaram desta reunião Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Lipman, Michel Polanyi, Salvador de Magarida, entre outros. Todos, porém, adversários do Estado do Bem-Estar europeu ou inimigo do New Deal norte-americano. Fundaram a Sociedade de Mont Pèlerin, cujo propósito era combater o Keynesianismo e o solidarismo e propor uma base para um novo capitalismo.

A grande crise do modelo econômico capitalista ocorrido por volta do ano de 1973, em virtude de uma profunda e longa recessão, conjugada com baixas taxas de crescimento e altas taxas da inflação, contribuiu e permitiu que suas idéias ganhassem corpo e, rapidamente, segundo Anderson Perry (1996), foi o que necessitava e esperava Hayek para disparar sua máquina neoliberal conjuntamente com seus companheiros. Eles afirmavam que as raízes da crise estavam no poder excessivo dos sindicatos. Estes dois fatores foram os responsáveis pela diminuição das bases de acumulação capitalista sem contar o aumento de gastos sociais por parte do Estado.

Como solução, eles propõem a estabilidade monetária, uma disciplina orçamentária quanto aos gastos sociais, a restauração da taxa natural de desemprego e reformas fiscais para incentivar os agentes econômicos, isto é, reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas. Hayek comenta que o crescimento retornaria quando a estabilidade monetária e os incentivos essenciais houvessem sido restituídos.

A hegemonia do projeto neoliberal durou toda a década de 70, porém, só no ano de 1979, foi que apareceu a oportunidade de sua implantação com sucesso, mais precisamente na Inglaterra, no primeiro governo Thatcher. Em 1980, nos Estados Unidos, com Reagan, e em 1982, com Kohl, na Alemanha, dá-se seqüência para logo todos os países do norte da Europa ocidental, exceto a Suécia e Áustria, adotarem esta nova ideologia.

Na prática, estes governos neoliberais tomaram medidas como no governo Thatcher, redução da emissão monetária,

elevação da taxa de juro, redução dos impostos sobre rendimentos altos, retirou o controle do fluxo financeiro, aumentou a taxa de desemprego, nova legislação sindical e corte nos gastos sociais; no governo Reagan, reduziram-se os impostos em favor dos abastados, aumentaram-se as taxas de juros e ampliou-se o orçamento público para atender a competição militar.

Neste período, os países europeus eram mais cautelosos, pois tinham maior controle no seu orçamento e nas reformas fiscais, demonstrando o seu radicalismo, mas, mesmo assim, aplicavam uma política austera.

Pode-se dizer que o programa neoliberal na década de 70 obteve êxito em diversos pontos, tais como: deflação, lucros, taxa de crescimento econômico, entre outros. Já nos anos 80, o quadro apresentou declínio, a taxa de crescimento foi negativa a despeito da evolução do crescimento do mercado de câmbio e a diminuição dos gastos sociais.

Continuando sua análise, Perry (1996) destaca que em 1991 a dívida foi enorme em quase todos os países ocidentais, o que provocou uma grande recessão, e levou a um desemprego para torno de 38 milhões de pessoas. Mesmo assim, o neoliberalismo continuou com vitalidade em diversas nações que o implantou.

Para provar sua vitalidade, o governo Clinton tinha como prioridades reduzir o déficit orçamentário e adotar uma legislação draconiana e regressiva na delinquência.

Os neoliberais declaram verdadeiros feitos, a ponto de se vangloriarem dos resultados obtidos nos governos que os aplicaram. Mas um fato é concreto: o impacto causado na Europa alastrou-se por toda a América Latina e, hoje, converte-se no terceiro grande laboratório neoliberal formado por Brasil, Argentina, México, entre outros países.

Vale ressaltar que o berço do neoliberalismo entre nós foi o Chile, na década de 70, através de Pinochet, cuja inspiração foi dada por Friedman. Instalados sob uma ditadura cruel, suas principais ações foram: a desregulação, o desemprego em massa, a repressão sindical, a redistribuição de renda e a privatização dos bens públicos.

Na América do Sul, dentre os países que aplicaram o neoliberalismo nestas duas últimas décadas, três se destacaram: a Argentina, o México e o Peru. Dentro deste contexto, Perry (1996) comenta: a) somente os governos autoritários podem impor o êxito político dos neoliberais na América Latina; b) o neoliberalismo fracassou quanto à questão da revitalização econômica; c) e que seu sucesso só ocorreu nas áreas política e ideológica e sociais, aumentando paradoxalmente as desigualdades; d) o neoliberalismo alcançou um êxito maior do que o previsto pelos seus autores; e) e que qualquer análise atual do neoliberalismo é provisório, pois este movimento tem apenas quinze anos nos países mais ricos.

3 CAPITALISMO CRISE E FUTURO

Goran Therborn (1989) analisa esta questão tendo em vista os seguintes pontos centrais: o neocapitalismo e sua relação com o socialismo real, problemas estruturais do capitalismo, atual situação geopolítica e geoeconômica da atual conjuntura, e teoria e prática política contemporânea.

Assim sendo, o neoliberalismo é uma superestrutura ideológica e política que acompanha uma transformação histórica do capitalismo moderno. Em sua perspectiva, este regime está em declínio, pois foi criado e aplicado na prática através de despachos ministeriais da área econômica dos governos.

Desta forma, a queda do socialismo real nos regimes autoritários e ditatoriais na Europa oriental se constitui apenas uma mudança política, mas, também uma transformação no sistema econômico mundial.

Outro ponto considerado por Therborn (1989) seria a modificação ocorrida a partir do desenvolvimento da força produtiva, reorientada na direção da iniciativa privada. De fato, presencia-se uma nova fase do capitalismo, que é o capitalismo competitivo.

As principais instituições e poderes que compõem as economias são: o Estado, com seu poder político; as empresas, com seu poder empresarial; e o sistema de mercado, com seu poder de competição. Na fase anterior, do Bem Estar, quem

dava as diretrizes era o Estado, mas hoje quem define o rumo é o Mercado. Logo, o mercado é forte, mas o Estado é relativamente pequeno.

O fato concreto é que o comércio mundial cresceu mais que a produção, mas é necessário não esquecer que até os meados dos anos 70, o capitalismo defrontou-se com o crescimento tanto dos Estados como dos mercados.

Therborn também descreve que houve mudanças radicais entre os anos 70 e 80 no processo industrial com a automação, reduzindo, por sua vez, o nível de emprego no parque industrial. Com o advento do pós industrialismo, ocorreu mudança na relação entre os mercados e as empresas, com exceção dos serviços sociais e públicos, já que os serviços privados passaram a ser produzido em empresas menores.

Outra observação feita por ele foi a introdução de novas modalidades de produção, de tecnologias mais flexíveis e de maior capacidade de adaptação às demandas do mercado. Além disso, há expansão dos mercados financeiros internacionais (os mercados financeiros de capitais são altamente competitivos), que se inicia a partir do déficit do governo norte-americano com a guerra do Vietnã. Outro fato é que os mercados mundiais de diversos países são dezenove vezes o volume do comércio mundial de mercadorias e serviços. Isto pode ser demonstrado no ano de 1993, por exemplo, na Alemanha, quando as transações financeiras foram cinco vezes maiores do que os negócios com mercadorias.

Apesar de se colocar que promoveram cortes nos gastos públicos como política do neoliberalismo, isto não foi verdadeiro no caso da Inglaterra, pois no ano de 1993 os mesmos gastos foram maiores do que no ano 1979. Encontra-se o mesmo quadro retratado em alguns países da América Latina.

A proposta de retirada do Estado de Bem Estar fica difícil porque ele já é uma instituição, a ponto de estar inserido no cotidiano de grande parte da população, chegando a 40% da população norte americana com renda primária, e em outros países a 65%, sem se contar os aposentados, os assalariados e outras transferências públicas.

Depreende-se então, que as crises no capitalismo são cíclicas, de ordem econômica estrutural, e sua principal contradição atual é mais ideológica do que econômica, sem contar com os aspectos sociológicos.

Therborn (1989) aponta também a questão do fim do eurocentrismo e do centralismo americano e indica que o neoliberalismo vai derivar deste fato na história moderna. A globalização da economia, da política e das comunicações é hoje a grande responsável pelo seu desenvolvimento.

Uma releitura acerca das transformações sociais e da prática é um discurso pós moderno necessitando de ação flexível e políticas diferenciadas para atuar sinergicamente, tanto local como globalmente.

Ainda segundo Therborn (1989) enquanto o dinamismo do capitalismo está sendo deslocado na direção dos países da Ásia oriental, a dinâmica futura da esquerda será mais globalizada do que a européia ou a asiática.

As principais receitas econômicas do neoliberalismo têm como fonte às obras de Milton Friedman, com base na relação entre o mercado e o Estado e entre as empresas e os mercados.

O balanço que se faz é que o neoliberalismo a cada dia ganha poder político, sendo capaz de exportar suas idéias, além da Europa e Estados Unidos, para outros países do globo, mesmo não sendo um projeto com grande êxito. Isto não invalida as críticas feitas ao Estado de Bem-Estar, tanto da esquerda como da direita, mas, mesmo assim, continua a sobreviver surpreendentemente. Não há, entretanto nenhuma opção teórica ou política à vista para suceder o neoliberalismo, nem mesmo o modelo macroeconômico do Sudoeste asiático ou do Japão, por ser demasiadamente nacionalista. Quanto à aplicação da macroeconomia, esta é viável de se transferir.

A despeito das políticas neoliberais serem um desastre social, tendo provocado nos anos 90 cerca de 38 milhões de desempregados, nos países do OCDE, significando duas vezes a população da Escandinávia, ainda assim, não houve grandes manifestações contrárias ao modelo.

Por outro lado, o capitalismo bem sucedido do Japão o torna um grande militante contra o neoliberalismo (Consenso

de Washington), bem como a China, Coréia, Taiwan, entre outros, a ponto de serem assediados pelos teóricos neoliberalistas.

Finalizando, para Therborn *apud* Sader (1996) é necessária uma nova etapa de capitalismo competitivo, com um novo papel e uma nova dinâmica para acompanhar o mercado, pois o neocapitalismo corrente está disposto somente e no máximo a conceber uma rede de proteção (*safety net*) para os mais pobres (miseráveis). Na verdade, esta corrente propõe direitos sociais mais seletivos, e defende que a grande chave para o futuro é alcançar a articulação social (o *trade off*).

4 COMPREENSSÃO DA CRISE

Pierre Salama (1997) descreve que o futuro do capitalismo pode ser um capitalismo selvagem, capitalismo liberal ou social-democrata, em função das políticas voltadas para uma única visão, que é a acumulação do capital.

Outro ponto criticado pelo autor é que os neoliberais só comentam os sucessos e se negam a assumir a paternidade dos desastres gerados por suas próprias políticas, e colocam que a única saída para a crise é liberalismo. Ao analisar com profundidade, constata-se que sua política é fundamentalmente econômica de exclusão social. Suas aplicações muitas vezes frearam a inflação, mas o fizeram a preço de crescentes desigualdades sociais e de um déficit elevado da balança comercial. Para demonstrar que não há solidez nas afirmações dos neoliberais, pode-se verificar quanto às fugas de capitais que ocorreram no período, aumentando, assim, as desigualdades sociais nestes países.

Para Salama (1997) os neoliberalistas só defendem uma única solução para crise, isto é, o domínio absoluto do mercado. Mas sua visão mais ampla propõe duas saídas: um Estado ético, como princípio fundamental para se fazer política; e providenciar soluções científicas na busca de empresas mais humanas de venham a resolver questões inflacionárias e de evasão fiscal.

Destaca Salama que é necessário se fazer uma re-leitura da crise, para que se possa formular uma outra: política eco-

nômica; papel para o Estado; forma de abertura econômica; política industrial; e distribuição de renda.

Logo, não se resolve esta questão somente a nível econômico; sua solução advém das relações de forças a nível social, não perdendo de vista a sociedade solidária.

Assim sendo, constata-se que os liberais sustentam que uma crise é sempre consequência de comportamentos viciados, derivados de um Estado onipotente. Na verdade, se tomar a inflação com o exemplo se verifica que enquanto os neoliberais dizem que ela é produzida por excesso de oferta da moeda, acredita-se que é produto de conflito distributivo, fruto da existência de dois grupos sociais que em dado momento entram em colisão. Em relação ao processo conjuntural, ocorre a financeirização das empresas, onde ganham muito mais dinheiro no setor financeiro do que no produtivo. Diante disso, a solução não está em aumentar o peso do Estado, mas, sim, em definir uma intervenção estatal diferente da que se tem conhecimento até aqui em termos de distribuição de ingresso e política industrial.

5 PROBLEMAS DA SOCIEDADE PÓS-NEOLIBERAL

Atílio Borón *apud* Sader (1996) comenta que o capitalismo Keynesiano defende a demanda agregada para combater o desemprego e a integração da classe operária, criando condições favoráveis para o surgimento e a institucionalização de Estados capitalistas democráticos na Europa pós guerra. O capitalismo selvagem que surge da receita neoliberal tem, ao contrário, afinidades eletivas com formas mais primitivas. Seu comentário é complementado ao do Friedrich von Hayek (pai do neoliberalismo), quando em entrevista dada ao jornal chileno *El Mercurio*, diz que preferiria escolher uma economia de livre mercado com governo ditatorial.

Demonstra com clareza que o saneamento proposto por esta teoria possui aliado como o Banco Mundial e o FMI, todos propondo um remédio que provoca mais miséria do que nunca e a uma dívida social crescente (hecatombe social), considerando que estão no rumo certo.

Não se pode esquecer também dos discípulos de Adam Smith, que provocaram pobreza generalizada em sua época.

Na verdade, o que se observa é que o legado dos últimos anos é marcado por uma sociedade heterogênea e fragmentada, com desigualdades de classes, etnias, gêneros, religiões, etc.

Atílio Borón (1994) indaga quanto ao fim do trabalho em massa e diz que é ainda imaturo se afirmar tal questão, mas é inevitável não observar o desenvolvimento das forças produtivas, pois elas estão apontando nesta direção.

Até o secretário do trabalho do Estados Unidos coloca que o impacto do neoliberalismo afeta seu país e diz que há pessoas que vivem na mesma sociedade, mas em duas economias complementares diferentes. Se transpuser para a América Latina esta indagação será o caos.

O neoliberalismo impõe uma rígida disciplina fiscal para se obter taxas inflacionárias desejadas, levando, desta forma, a uma pauperização da população. Este fato pode ser visto nos países Latinos como Argentina, Bolívia, Brasil e México. Ressalta-se que a política do BM e FMI, quanto à aplicação desta medida, dependerá do país, isto é, varia muito em função dos contextos regionais. Na verdade, o que ocorre é uma sociedade dual, na qual uma parte pequena se integra e o restante é excluído.

O grande problema do neoliberalismo é que ele tem características selvagens, não existem regras definidas, mas, sim, a força bruta, não havendo concorrência no mercado internacional da força do trabalho.

Perry *apud* Sader (1996) defende três elementos para uma possível implementação do pós neoliberalismo. Os valores, que são o princípio da igualdade, como critério central, com possibilidades reais para cada cidadão, segundo o padrão que escolhe ter igualdade de saúde, educação, moradia e trabalho. O segundo foi o da propriedade, que são as novas formas de propriedade popular, que desagregam as funções da rígida concentração de poderes na clássica empresa capitalista contemporânea. E, por último, a democracia, que é um sistema parlamentar forte, baseado em partidos disciplinados, com um financiamento público equitativo e sem demagogias.

Para o autor, o Estado deve ser disciplinado, capaz de romper a resistência dos privilegiados e bloquear a fuga de capital de qualquer reforma tributária. Este cita Roberto Mangabeira, que propõe uns planos institucionais, audazes e rigorosos, com distribuição de dividendos para cada cidadão, retirados dos lucros das empresas, como forma de socialização, fato hoje refutado em vários países capitalistas. Outra chamada é quanto ao modelo pretendido pela China, que é a forma de propriedade, tanto industrial quanto agrária, nem privada, nem estatal, mas coletiva.

Ao analisar a propagação da literatura de Friedman (1982) e Hayek (1990), o primeiro lançou seu livro *Freedom to Choose* em noventa países em quatro semanas, enquanto o segundo lançou um livro acadêmico de título o Caminho da Servidão que só foi distribuído no meio acadêmico. No caso de Friedman, seu sucesso se deve ao um projeto político direcionado à obtenção de um impacto global, levando para a queda da esquerda nos principais países socialistas do Leste europeu.

Borón (1996) afirma que a resposta doutrinária dos teóricos do neoliberalismo está na democracia que se equivoca e não tem poder de administrar com eficiência o neoliberal – que avança contra o mercado, sendo necessário, então, excluir o modelo democrático.

6 MOMENTO TERMINAL DO NEOLIBERALISMO

É inacreditável que a renda de trinta mil pessoas, dos mais ricos dos Estados Unidos, cresceu cerca de quinhentos por cento entre 1983 e 2004, e um por cento da população ganhava vinte por cento da renda do país. Esse fato deveu-se ao movimento neoliberal empreendido pelas classes dominantes.

Frente aos números acima, pode-se confrontar os dados descritos pelo Fundo Monetário Internacional que estima as perdas nos Estados Unidos originadas de empréstimos e outros produtos financeiros devem se acima de 1,4 trilhões de dólares, valor 50% superior ao estimado no início de 2008.

No país responsável pelo epicentro da crise, o USA, segundo previsão do Departamento do Trabalho, conforme pe-

dados nacionais de auxílio-desemprego devem alcançar 1,5 milhão. É a maior marca já ocorrida na história, sinalizando fortes indícios de recessão na maior economia mundial. Além de ser o pior quadro social, pois estima-se que 3,5 milhões trabalhadores percam seus postos de trabalho.

Os fatos apresentados podem ser historiados a partir de especialistas em julho de 1997, quando ocorre a primeira grande crise neoliberal globalizada, quando os tigres asiáticos desfizeram-se. No ano seguinte, em agosto de 1998, há crise russa, que apesar de seu Produto Interno Bruto - PIB mundial ser de dois por cento, em horas fez cair centenas de pontos as bolsas de valores de New York. No ano de 1999, apenas cinco meses depois, produz-se a crise do Brasil. No ano 2000, observou-se os primeiros sintomas, com uma diminuição constante do ritmo da produção industrial mundial, e no mesmo ano em março, o índice Nasdaq, da chamada tecnologia de ponta, já começava a apresentar sinais de queda.

Outro dado importante foi o crescimento do déficit comercial em 1999, que foi de 264,9 milhões dólares. No ano seguinte, elevou-se para 368,4 milhões. Já em outubro de 2000, a produção do setor industrial começou a decair.

No início de 2001, o FMI, o Banco Mundial, o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Comissão Européia, assim como as instituições privadas, verificaram que deveriam rever suas previsões de crescimento para esse ano, nos diversos países. Cinco meses depois sua previsão global passou para três vírgula dois por cento. Já para o governo americano a previsão já era de um vírgula cinco por cento, enquanto para a zona européia era de dois vírgula quatro por cento.

Em agosto de 2007, há a crescente inadimplência nos pagamentos das hipotecas no setor financeiro dos EUA e da Europa. Inicia-se não mais uma crise local, mas, sim, global marco terminal do neoliberalismo. Ocorre neste momento uma crise sistêmica que atinge banco de investimento, agente financeiro não-bancário, agência de classificação de risco, comprometendo definitivamente a ordem institucional criada na década de 80.

Frente aos problemas, o Banco Central dos USA, o **Federal Reserve FED**, tem buscado socializar os prejuízos, fazendo a troca dos títulos comprometidos por títulos do tesouro, logo, uma “estatização branca” de grande parte do sistema financeiro norte-americano. Paralelamente a essa intervenção, o consumo diminui, e estima-se que a dívida pública aumente em mais de US\$ 1 trilhão de dólares em 2009.

Consolida-se, definitivamente, o fracasso do neoliberalismo como ideologia econômica, isto é, o fim da hegemonia norte-americana e o retorno do Estado como elemento vital para reorientação do próprio Estado. Trazendo consigo, apesar de controvérsia, uma mudança geopolítica, esta será iminente e inexorável, mesmo que vagarosa.

A voga neoliberal brasileira no Brasil, desde o início da implantação do programa, sofreu especulação financeira internacional, com desdobramentos caóticos sobre as possibilidades de um período de crescimento acelerado, mesmo em uma dinâmica de bases aparentemente sólidas.

O programa neoliberal no Brasil tem origem política inicialmente com as crises do regime militar, depois nos anos 80, na volta da democratização, e firmando-se em 1994. Nesta etapa, finalmente há condições políticas para se implantar as ações liberais no país.

Na verdade, o que houve foi uma neo-fundação neoliberal do Estado brasileiro, pois foi necessário ter uma abrangência e profundidade muito significativa, pois foi obrigada a se apoiar em duvidosas coalizões políticas, levando a desdobramentos em nível de gestão da nação brasileira em 1994.

CONCLUSÃO

Uma das máximas de Lenin descrita por Perry (1996) é que não se deve subestimar o outro (inimigo), portanto, correlaciona ao fato de que o neocapitalismo é um fenômeno frágil ou arcaico, ou já anacrônico e é uma ameaça ativa e poderosa, tanto para a América Latina e Europa, como para outros países.

Também não se deve esquecer as principais lições básicas do neoliberalismo. Logo, não ter receio de ser contrária a

corrente política existente, ou as idéias, ou aos princípios ou instituições, pois estas podem ser mutáveis. Outra é que sempre será tratado como uma situação política e social dos direitos sociais e econômicos. Por fim, deve-se verificar como será o processo de acumulação advindo da gestão dos processos a partir do manejo produção, da direção macroeconômica e da macropolítica.

O que se observa em 2009 é o esgotamento das experiências do neoliberalismo. Este deixa um rastro enorme de regressão social, aumentando a desigualdade e expõe que o pós neoliberalismo, mesmo em construção, é irracional e o socialismo é inviável. Na verdade, o que se tem é a completa irracionalidade do capitalismo, este é insolúvel, e como contra ponto se tem a inviabilidade do socialismo, e este pode ser provisório e solucionável, segundo Borón (1996).

Assim sendo, aqueles que contribuíram na formulação do dogma anti-Estado voltam a defendê-lo, para que esse volte às funções para as quais foi criado, e guarde todos os fundamentos de seu papel como regulador da coesão territorial, política, econômica, social e ambiental. Que esse possa assegurar um eco-desenvolvimento realista, dentro de uma visão sistêmica em que o econômico não seja predominante e, simplesmente, inserido num sistema de produção de utilidade social e ambiental.

Por fim, Weber já declarava que neste mundo não se consegue nunca o possível se não se tenta o impossível reiteradamente.

FROM LIBERALISM TO CONTEMPORANEOUS STATE: CHANGES FROM FATALITY TO OPPORTUNITIES

ABSTRACT — *The article deals with the lack of a clear State political definition. In order to get it one has to rescue some of the Marxist theories of State as well as the liberalism and neo-liberalism history. Within this context, the present capitalism, forthcoming crisis and post neo-liberal problems can be found. As a final statement, some elements are pointed out to contribute for a re-studying of the neo-liberal question.*

KEY WORDS: *Contemporary State. Neo-liberalism. Marxism. Capitalism.*

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Origens da pós-modernidade**. São Paulo: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Afinidades seletivas**. São Paulo: Boi Tempo, 2002.

BORON, Atilio A. **Estado capitalismo e democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Filosofia Política Marxista**. Rio de Janeiro: Cortez, n/d.

FRIEDRICH, A. Hayek. **O caminho da servidão**. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

FIEDMAN, M. **Capitalism and Freedom**. Chicago,USA: University of Chicago Press, 1982.

_____. **Free to choose**: a personal statement. New York/USA: Harcourt, 1990.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

OLIVEIRA, Francisco. **A economia imperfeita**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pos-neoliberalismo II**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. (Org.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado Democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

SADER, Emir. **Estado e política em Marx**. Rio de Janeiro: Cortez, 1998.

SALAMA, Pierre; VALIER, Jacques. **Neoliberalismo pobrezas y desigualdades en el terceiro. México**: Niño Dávila, 1997.

THERBORN, Goran. **Ideologia Del poder y el poder de la ideología**. México: Siglo XXI, 1989.

_____. **Como domina la classe dominante**. 4. ed. México: Siglo XXI, 1989.

*Recebido em: 30/06/2009
Aprovado em: 21/07/2009*